

Luísa Costa Gomes



UBARDO

seguido de

A MINHA AUSTRÁLIA



Publicações Dom Quixote

LUÍSA COSTA GOMES

UL FL CM 00003



UBARDO

Seguido de

A MINHA AUSTRÁLIA

Teatro

PUBLICAÇÕES DOM QUIXOTE

LISBOA

1993

Biblioteca Nacional – Catalogação na Publicação

Gomes, Luísa Costa, 1954-
Ubardo, seguido de A minha Austrália
(Autores de língua portuguesa)

ISBN 972-20-1078-6

CDU 869.0-2"19"



ARNHEIM & DESIRÉE
(1983)

O GÊMEO DIFERENTE
(1984)

UBARDO
(1987)

Prémio Dom Diogo da Fundação de Casa de Monarca
seguido de

A MINHA AUSTRÁLIA

NUNCA NADASTON NINGUEM
(1991)

UBARDO

Seguido de

A MINHA AUSTRÁLIA

Publicações Dom Quixote, Lda.

Rua Luciano Cordeiro, 116-2.º

1098 Lisboa Codex – Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© Luísa Costa Gomes, 1993

1.ª edição: Agosto de 1993

Depósito legal n.º 66 601/93

Fotocomposição:

Textype – Artes Gráficas. Lda.

Impressão e acabamento:

Manuel Barbosa & Filhos, Lda.

UBARDO

(FANTASIA EM DOIS ACTOS)

UBARDO, um homem de meia idade, com um ar de melancolia, está deitado de lado e virado para a sala, completamente estendido no chão, com o braço passado por baixo da cabeça e a mão tocando a árvore, está um rapazinho de oito anos a dormir. É de dia).

Biblioteca Nacional - Catalogação em Publicação

Gravata, Lúcia Costa, 1914-

Obra em português de A. Maria Assunção

Classificação de língua portuguesa

ISBN 971-20-1175-4

CDD 809.04219

PERSONAGENS

UBARDO, um monstro aéreo

JOANA, uma rapariga silvestre

HENRIQUE, um ingénuo passeante

MANUEL e MANEL, os Manos Trinos

UMA CRIANÇA QUE DORME

Publicações Casa Quilombo, Lda.

Rua Luciano Cordeiro, 115-2.º

1050 Lisboa-Costa - Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© Lúcia Costa Costa, 1993

1.ª edição: Agosto de 1993

Deposito legal n.º 60 601/93

Impressão gráfica

Tipotype - Lda, Gráfica Lda

Diagramação e maquetagem

Manuel Ribeiro & Filhos, Lda.

PRIMEIRO ACTO

(A cena representa um bosque. Bem ao centro vemos um imenso carvalho, ou tão imenso quanto o espaço o consentir, robusto e pouco folhoso. Arbustos, silvas, musgos, estamos na Natureza. Empoleirado num ramo baixo do carvalho, à direita, está Ubardo, a personagem incuba do quadro O Pesadelo de Fuselli. À esquerda, perpendicular ao tronco da árvore, deitado de lado e virado para a sala, completamente estendido no chão, com o braço passado por baixo da cabeça e a mão tocando a árvore, está um rapazinho de oito anos a dormir. É de dia).

(Entra JOANA pela direita e parece procurar qualquer coisa. Depois vê UBARDO no ramo).

JOANA — Ah, estás aí, Ubardo! Sim, senhor! E eu á tua procura! Anda, já para casa! *(Enquanto JOANA fala, UBARDO sobe para um ramo mais alto).* Não fijas, anda cá! (Ubardo já para baixo! Aqui, já!

UBARDO — Não!

JOANA — Sim! Já!

UBARDO – Havia a cor azul por todo o lado
para além era azul além além
num engenho de aço sossegado
do fundo do bico até à cauda
é tudo asa
um dia estou no chão vago e tristonho
parto velozmente
cada vez mais
depressa depressa e faz-se assim
está-se no ar
não se ouve nada tudo quieto
ar ar ar ar ar ar ar ar ar ar

(Entra JOANA pela direita e parece procurar qualquer coisa. Depois vê UBARDO no ramo).

JOANA – Ah, estás aí, Ubardo! Sim, senhor! E eu à tua procura! Anda, já para casa! *(Enquanto JOANA fala, UBARDO sobe para um ramo mais alto).* Não fijas, anda cá! Ubardo! Já para baixo! Aqui, já!

UBARDO – Não!

JOANA – Sim! Já!

UBARDO – Não me apanhas!

JOANA – Ou desces tu ou subo eu e quando aí chegar...

(Entra HENRIQUE pela esquerda, muito distraído a olhar para o chão. Depois levanta a cabeça, repara em UBARDO e esconde-se atrás de um arbusto, apavorado. De vez em quando espreita, a medo, para ver se UBARDO ainda lá está).

UBARDO – Ou discas eu ou subos tu.

HENRIQUE – Que é aquilo?

JOANA – Tens sopinhas de leite...

UBARDO – A ver se me levas...

HENRIQUE – Que monstro é aquele?

JOANA – Fecho-te à chave!

UBARDO – Vem-me buscar....

HENRIQUE – Estarei a sonhar?

JOANA – Olha que eu zango-me!

UBARDO *(falando)* – Joaninha, voa, voa...

HENRIQUE – Parece o diabo!

JOANA – Mas queres ficar aí, é ?

UBARDO – Eu fico se tu não ficares.

HENRIQUE – Que bicho mais horroroso!

JOANA – A ver se eu me ralo!

(JOANA finge que se vai embora e esconde-se atrás de um arbusto, à direita. HENRIQUE faz menção de sair pé ante pé pela esquerda).

UBARDO *(para assustar HENRIQUE)* – Bu!

(HENRIQUE pára).

HENRIQUE – Estou a tremer!

UBARDO – Ai que medo!

HENRIQUE – Vou desmaiar!

UBARDO *(descendo para o ramo mais próximo de Henrique)*
– Bu!

HENRIQUE *(volta-se para UBARDO mas não olha para ele)* – O que é que me queres monstro? Já me posso ir embora monstro? Que espécie de monstro é que tu és monstro? Desaparece ou deixa-me desaparecer, não te fiz mal nenhum, que mal é que eu te fiz, estás-te a aproveitar do meu medo, é por eu ter medo que tu me assustas monstro?

UBARDO *(desprezivo)* – Chiiii, que choraminguice!

HENRIQUE – Não me faças mal!

UBARDO – Quero conversar, anda cá!

HENRIQUE – Jura que não me fazes mal.

UBARDO – Juro.

HENRIQUE – Jura que não me puxas as orelhas.

UBARDO – Juro.

HENRIQUE – Jura que não me contas histórias de horror.

UBARDO (*depois de uma hesitação*) – Juro.

HENRIQUE – Quem era aquela mulher?

(UBARDO encolhe os ombros).

HENRIQUE – E tu, quem és? O que és tu? És um gato? És um diabo?

UBARDO – Sou ... uma coisa evasiva
ando por cima das árvores
como as raízes no fundo
quem me quer fecha-me à chave
quem eu quero não me conhece
deixa-me lamber-te o focinho
como se fosses meu filho

HENRIQUE – Deixa-me! Chega-te para lá!

UBARDO – Só uma lambidela!

HENRIQUE – Não!

UBARDO – Um beijito...

HENRIQUE – Nem penses! Juraste!

UBARDO (*afastando-se*) – Estava a brincar!

HENRIQUE – Comes raízes porquê? Não gostas de arroz?

UBARDO – Como arroz!

HENRIQUE – Não gostas de peixe?

UBARDO – Como peixe!

HENRIQUE – Não gostas de bolo?

UBARDO – Como bolo! Como bolo!
E incho, incho da farinha
vou a boiar no vento
de papo para o ar sereno
de rabo para o chão pesado
de braços abertos assim

HENRIQUE – Já percebi...

UBARDO – A cabeça fica no meio, aqui.

HENRIQUE – Pois é.

UBARDO – Os pés ficam assim, para a frente.

HENRIQUE – Para Norte.

UBARDO (*chegando-se a HENRIQUE*) – Agradam-te os meus olhos?

HENRIQUE – Deixa cá ver.

(*UBARDO desce o mais que pode e chega-se a Henrique*).

UBARDO – São verdes, não são?

HENRIQUE – Mais ou menos.

UBARDO – Sabes o que é que quer dizer o olho verde?

HENRIQUE – Esperança.

UBARDO – Traição!

HENRIQUE – Sempre me disseram que o verde é esperança.

UBARDO (*grita*) – Traição! Traição!

(*JOANA sai de trás do arbusto exasperada*).

JOANA – É a última vez que te chamo, Ubardo! Estás a ouvir?
Ou vens comigo agora imediatamente ou não entras mais
em minha casa!

UBARDO – Pfff!

JOANA – Olha que estou a sério! É a última vez que me fazes
isto, ouviste? Nunca mais, nunca mais te venho procurar,
podes morrer para aí de fome a ver se eu me importo.

(*UBARDO assanha-se e mostra-lhe os dentes*).

HENRIQUE (*para Ubardo*) – Mas porque é que não queres
descer?

UBARDO (*muito terno, quase a chorar*) – Não posso!

JOANA – Ora, não podes agora!

HENRIQUE – Mas porque é que não podes?

UBARDO – Tenho medo... de me afundar
na lama ficar com o pé preso
no limo puxar com força a perna

e não ter que chegue escorrega
para baixo aah! empurra
e ter o pé sufocado a pedir
ar ar ar ar ar ar ar ar ar

JOANA – Que parvoíce, Ubardo! Isto está tudo seco, não há aqui lama, nem charco, nem água!

HENRIQUE – Mas ele tem medo...

UBARDO – Pois é, tenho medo.

(HENRIQUE começa a tactear o chão com cuidado, com a ponta do pé).

HENRIQUE – Aqui parece um bocado molhado...

JOANA – Sequíssimo!

HENRIQUE – E o musgo também está húmido...

JOANA *(maldosa)* – E não tarda nada chove-te em cima e aí é que são elas. Derretes e ficas pchhh! todo espalhado no chão.

UBARDO *(em pânico)* – Não! Chuva não!

JOANA – Ubardo, tenho de ir! Vens ou não?

UBARDO – Chuva não! Traição!

HENRIQUE – Está sol!

(JOANA sai pela direita sem olhar para trás).

UBARDO – Há aí formigas?

HENRIQUE *(receoso, olhando para o chão)* – Acho que não...

UBARDO – Olha lá bem.

HENRIQUE – Não vejo nenhuma.

UBARDO – Mas elas são tão pequeninas...

HENRIQUE – Está aqui uma... barata?

UBARDO – Impossível.

HENRIQUE – Um caranguejo.

UBARDO – Nunca!

HENRIQUE – É um caranguejo preto com duas pinças à frente
e o rabo alçado para me...

UBARDO – Um escorpião!

HENRIQUE – Au! Au!

UBARDO – Sobe!

HENRIQUE (*tentando subir à árvore*) – Ajuda-me!

(*UBARDO puxa-o para cima e ajuda-o a sentar-se num ramo*)

UBARDO (*irónico*) – Estás morto? Sentes-te morto?

HENRIQUE – Sinto-me tonto.

UBARDO – Estás a ficar com frio?

HENRIQUE – Sinto-me tonto de estar aqui tão alto.

UBARDO – Alto? Achas que estás alto?

HENRIQUE – Estou suficientemente alto.

(UBARDO sobe para outro ramo).

UBARDO – Logo te habituas.

HENRIQUE – Vamos ver.

UBARDO – Isto não é nada.

HENRIQUE – Para mim já é alguma coisa.

UBARDO – Pode-se subir muito mais.

HENRIQUE – Acredito, mas eu aqui estou bem.

UBARDO – Não te cheira a nada?

HENRIQUE (cheirando o ar) – Cheira-me a...

UBARDO – Não te cheira a nada.

HENRIQUE – Sim, espera.

UBARDO (subitamente furioso) – Se te cheirasse já te tinha cheirado, idiota! Como é que podes ser tão insensível? Não tens papilas nas ventas? Não tens cílios vibratórios no focinho? Para que te serve o nariz aí plantado no meio dessa cara de cavalo? Para nada! Absolutamente para nada! Não tens cheiro!

(HENRIQUE afastou-se e encolheu-se o mais que pôde a um canto enquanto UBARDO o insultou).

(Pausa).

HENRIQUE – Porque é que tu detestas tanto a Joana?

UBARDO – Porque ela me quer dar de comer.

HENRIQUE – Mas porque é que a detestas tanto?

UBARDO – Porque ela me quer fazer descer.

HENRIQUE – Mas porque é que a detestas tanto?

UBARDO – Tem uma voz que me irrita, como se fosse uma voz de mulher.

(De baixo do chão, subindo na vertical, surgem os MANOS TRINOS, na esquerda baixa).

MANUEL *(para o irmão, entre dentes)* – Não te voltes agora, mas há ali qualquer coisa em cima da árvore.

MANEL *(voltando-se de repente para a árvore)* – Um deles sei o que é, o outro não conheço.

MANUEL – O que é?

MANEL – É um urso.

MANUEL – Um ursinho.

MANEL – Não é um urso exactamente como os das fotografias, mas acho que posso dizer quase com cem por cento de garantia....

MANUEL – Cem por cento menos vinte por cento.

MANEL – Dez.

MANUEL – Quinze!

MANEL – Doze e nem mais um!

MANUEL – Um urso com oitenta e oito por cento de garantia.

(Viram-se para UBARDO e observam-no como se estivessem num Museu).

MANEL – Repara nas patas.

MANUEL *(tirando um bloco e tomando notas)* – Patas...

MANEL – Repara no pêlo.

MANUEL – Pêlo.

MANEL – Repara nas orelhas espetadas..

MANUEL – Orelhas.

MANEL – Repara bem no focinho.

MANUEL – Focinho.

(UBARDO, que apontara as várias partes enunciadas, interrompe e põe-se a fazer ginástica de exibição em cima do ramo).

UBARDO – Ó cientistas! Estou a ficar todo vaidoso!

HENRIQUE – Ainda caís, Ubardo!

UBARDO – Deixa-me mostrar-lhes do que sou capaz.

HENRIQUE – Mas para quê? Olha que isto ainda é alto!

UBARDO – Sou um mestre... do sopro
meto os pés pelas mãos

ponho o nariz nos joelhos
dobro as costas em U
cruzo os braços no peito
e mais respiro depressa
salto coxo salto muito

HENRIQUE – Tens que ser mais claro.

MANEL – Fenomenal! O tipo é muito bom nisto!

MANUEL – Para urso é mesmo muito bom.

MANEL – Não se trata de um urso, ó distraído! Nunca se tratou de um urso! Isto não entra na categoria dos ursos nem à lei da bala! Onde é que já se viu um urso que sobe às árvores? Isto é outra coisa, outra coisa completamente diferente.

MANUEL (*em àparte*) – Ignorante! Toda a gente sabe que os ursos sobem às árvores! (*Para MANEL*) Bom, então posso riscar?

MANEL – O quê?

MANUEL – Patas, pêlo, orelhas, focinho.

MANEL – Não aprendes mesmo! Ficou sem orelhas o bicho, de repente? Caiu-lhe o pêlo? Cortaram-lhe as patas? Deram-lhe cabo do focinho?

MANUEL – Não, não, não, não. (*Pausa*). Então tem de descer da árvore.

MANEL – Como é evidente! Se aquilo é um urso e os ursos não sobem às árvores, tem de descer da árvore.

UBARDO – Nunca, seus tarados!

MANEL – Ou então... ou então... não é um urso, tal e qual como eu suspeitava.

HENRIQUE – Não é não. É o meu amigo Ubardo.

MANEL (*encarando Henrique*) – E tu quem és, ó macaquinho?

HENRIQUE – Diz tu primeiro quem és.

MANUEL – Não, tu.

HENRIQUE – Não, tu.

UBARDO – Esse é um amigo meu que se chama...

HENRIQUE – Henrique ...

UBARDO – ... que subiu para a árvore quando foi picado por um caranguejo preto com duas pinças à frente e o rabo alçado.

MANEL – Isso tem o nome científico de lacrau.

HENRIQUE – Escorpião.

MANEL – Doeu?

HENRIQUE – Doeu um bocadinho.

MANEL – Deixa ver.

(*HENRIQUE estende-lhe o calcanhar*).

MANEL – Isso não é nada. Nem aqui há escorpiões, era só o que faltava.

MANUEL – Talvez só um.

MANEL – Nem um.

MANUEL – Um pequenino, parecido com um lacrau.

MANEL – Primo em segundo grau do lacrau?

MANUEL – Primo direito! Em primeiro grau!

MANEL – Sobrinho! E acabou-se!

HENRIQUE – Vocês têm uma certa graça. Não são iguais e não são diferentes.

MANEL – Isso tem um nome científico.

MANUEL – Somos gémeos equivalentes.

HENRIQUE – Nunca tinha ouvido essa.

UBARDO – Sim, sim, acontece muito.

(MANUEL põe-se a caminhar devagar à roda do carvalho, parando de vez em quando para olhar para cima).

MANEL *(para HENRIQUE e UBARDO)* – Aquele que vocês ali vêem é o meu mano Manuel. É um investigador de primeira água; tem muito poder de observação, um espírito muito atento, um bom par de olhos, um magnífico par de ouvidos, um de cada lado, como é de regra.

UBARDO – Diz adeus, Henrique.

HENRIQUE – Vamos descer?

UBARDO – Estes senhores estão de passagem, não se podem demorar.

MANEL – Anota todos os pormenores, fica com tudo na cabeça. É verdadeiramente extraordinário. Daqui a nada chega aqui e diz-me qualquer coisa que me deixa ...siderado. Vão ver.

HENRIQUE – Não me parece que estejam com muita pressa.

UBARDO – Estes senhores têm imenso que fazer.

HENRIQUE (*apontando MANUEL, que continua a rondar a árvore*) – Olha-me para as calmas daquele.

UBARDO – E nós temos imenso que não fazer. Nunca nos poderemos dar bem.

HENRIQUE – Nós também, ao princípio... parecia...

UBARDO (*numa das suas fúrias repentinas*) – Ao princípio? Mas o que é que tu sabes do princípio? Começaste alguma coisa, por acaso? Alguma vez começaste alguma coisa na vida ou apanhaste sempre tudo a meio? És tão previsível! Dás as respostas mais tristes, mais comuns, mais ... iach! Achas que é começar alguma coisa aparecer a meio de uma conversa e entrar por coincidência todo aparvalhado, a olhar para o chão, à procura de lacraus! Que lástima!

(HENRIQUE encolhe-se a um canto e os MANOS TRINOS observam a cena).

HENRIQUE – Mas porque é que tu os detestas dessa maneira?

UBARDO – Porque são dois !

HENRIQUE – Mas porque é que os detestas assim tanto?